

CEDI

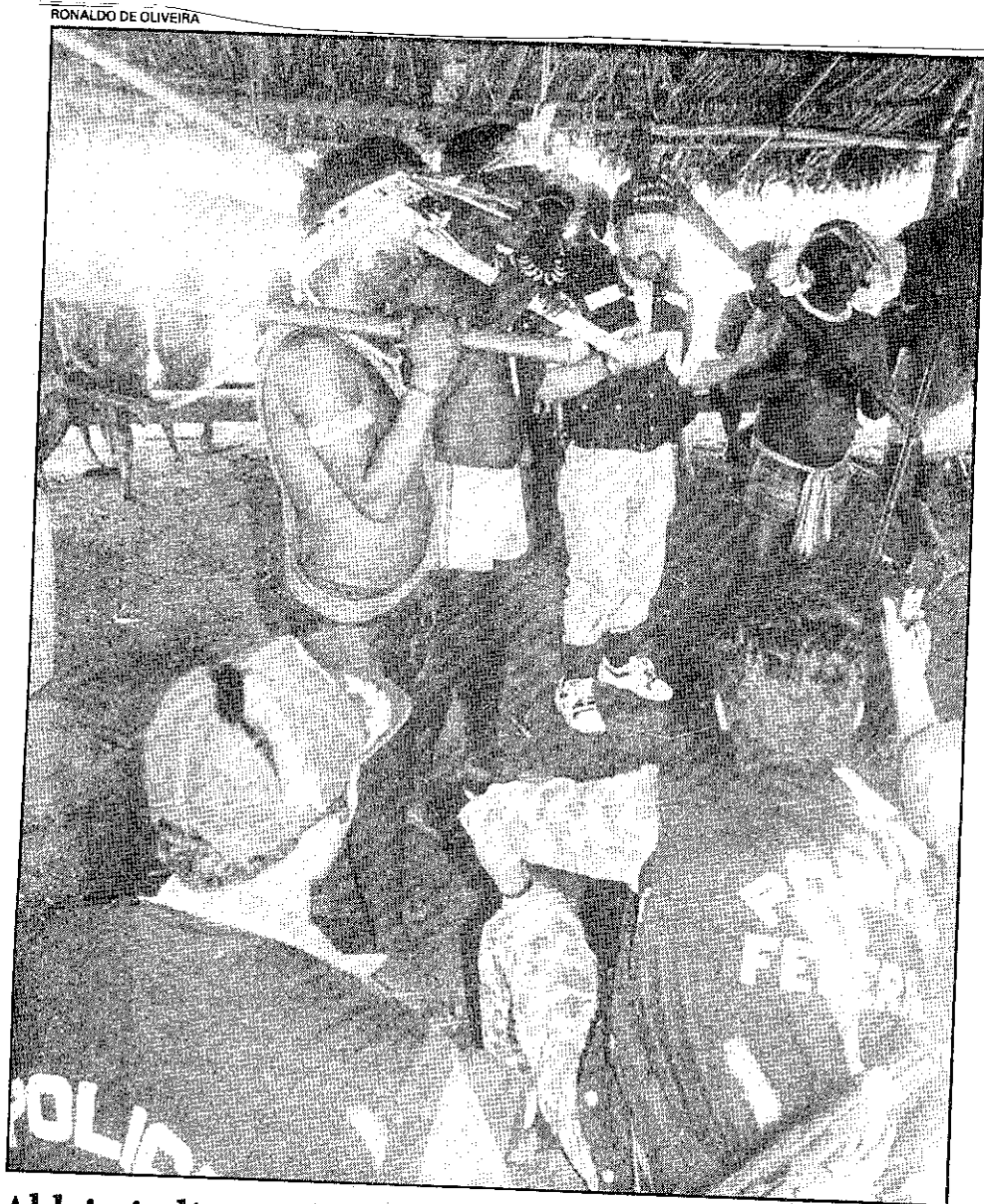
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Comunidade Brasileira

Class.: 229

Data: 12/04/91

Pg.: Página



Aldeia indígena investigada

A Polícia Federal descobriu ontem que houve apenas uma morte na Fazenda Saudade, em Mato Grosso, e não quatro, como havia sido anunciado. Para investigar o incidente, o delegado José Herman Normando Almeida esteve na aldeia dos cren-acarore (foto), que durante uma caçada mataram a golpes de borduna o peão Jurandir de Oliveira Ramos. Os índios foram encontrados quase sem alimentos e sem assistência por parte da Funai.

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Revista Brasileira

Class.: 229

Data: 12/04/91

Pg.: 14

DPF diz que índios só assassinaram um peão

Deuza Lopes

Enviada Especial

Parque Indígena do Xingu (MT) — Apenas um assassinato foi cometido pelos índios cren-acarore da Aldeia Panará, no Parque Indígena do Xingu. Esta foi a conclusão a que chegou o delegado da Polícia Federal enviado para investigar a denúncia. José Herman Normando Almeida, que só encontrou o corpo de Jurandir de Oliveira Ramos em estado adiantado de decomposição boiando nas águas do rio Maniçu-Miçu, na última terça-feira.

O local onde ocorreu o incidente, entre Jurandir, que cuidava da Fazenda Saudade, e os quatro índios cren-acarore, fica cerca de 60 quilômetros da área limítrofe da reserva indígena no município de Marcelândia. Segundo o relato dos índios, houve a necessidade de caçar em função de uma festa que estavam realizando nesse período em homenagem a uma criança da aldeia.

A região onde moram há um ano e meio, segundo eles, já não tem caça em abundância, e por isso foram procurá-la um pouco mais longe. Ao chegarem à fazenda do latifúndio Ibiacaba Agropastoril Ltda, de Alberto Rezek, foram recebidos a tiros por quatro homens. Esta versão segundo a polícia é pouco provável de ter realmente acontecido, tendo em vista que apenas uma arma de fogo foi encontrada, e se fossem quatro pessoas da fazenda, provavelmente haveria mais.

Todos os objetos de valor da Fazenda Saudade foram apreendidos pelos índios como bens de guerra, pois é dessa forma que interpretaram o acontecido no local. Eles levaram para a aldeia o único barco, o motor, a espingarda calibre 20, uma motosserra, um facão, quatro cartuchos e um rádio transceptor.

As armas foram apreendidas pela Polícia Federal na abertura do inquérito, e os demais bens estão com o administrador do Parque Indígenista do Xingu.

FOTOS: RONALDO DE OLIVEIRA



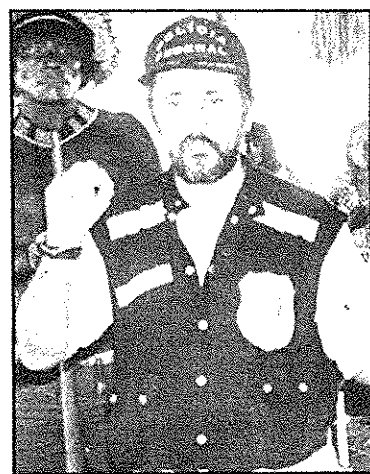
Megaron, administrador do Parque do Xingu, contou à PF o que os índios tiraram da fazenda

Represálias causam temor

Parque Indígena do Xingu (MT) — O grande temor do delegado da Polícia Federal, José Herman Normando Almeida (foto), era que acontecesse uma represália aos índios em função do crime ocorrido. Toda a equipe se deslocou na quarta-feira para a cidade de Marcelândia a fim de identificar o assassinado e também apaziguar os ânimos dos moradores da região.

Como o crime ocorrido é imputável, pois nada acontecerá ao grupo que matou Jurandir de Oliveira Ramos a golpes de borduna, o delegado achou por bem deveria alertar a população da cidade para que nenhuma atitude fosse tomada contra os índios que habitam a cerca de cinco horas de barco da cidade.

A identificação de Jurandir só foi possível depois que algumas pessoas da cidade foram ouvidas pelo delegado, e a descrição do



Herman teme por vingança

mesmo conferiu com a do corpo encontrado no local. E posteriormente tudo foi concluído quando o escritório da Fazenda Ibiacaba Agropastoril Ltda em Cuiabá foi contactado e confirmou que realmente Jurandir era o funcionário em questão e que se encontrava no local desde novembro do ano passado. Solteiro, Jurandir recebia cerca de Cr\$ 20 mil por mês para cuidar da fazenda, onde morava sozinho.

Grupos vivem como nômades

Parque Indígena do Xingu (MT) — Nos últimos 24 anos os cren-acarores mudaram de área cinco vezes. Tudo começou com a transferência dos índios, que somavam 700 em 1968, da cidade de Peixoto de Azevedo em função de conflitos que se iniciaram pela existência de garimpo na região.

Atualmente os cren-acarores estão reduzidos a 158 índios, e ocupam a aldeia Panará a apenas um ano e meio. Somente dois índios conseguem se expressar com fluência em português e os demais, embora não sejam hostis, se encontram em estágio semi-selvagem.

Os primeiros contatos com a tribo foram realizados pelo indígenista Orlando Villas Boas, que os levou para o Parque Indígena do Xingu em 1973. A experiência da convivência com os txucarramãe, a tribo de Megaron, não trouxe resultados positivos. Desde então, os cren-acarores se tornaram praticamente nômades no Mato Grosso.

Delegado acha o caso confuso

O delegado de Polícia Federal, José Herman Normando Almeida, considera que o conflito acontecido entre os índios e o trabalhador da fazenda Ibiacaba Agropastoril, Jurandir de Oliveira Ramos seja complexo. Os cren-acarore foram encontrados pelos agentes federais quase sem alimentos ou qualquer assistência por parte da Funai, responsável pela política indigenista no País.

José Herman também foi representando o presidente da Funai, Cantídio Guerreiro Guimarães, nas investigações, pois não foi enviado nenhum assessor para servir de mediador entre os cren-acarore e a polícia. Muitas dificuldades foram encontradas, pois apenas dois índios falavam com alguma fluência o português, o que dificultou o andamento das investigações.

Nenhum dos quatro índios que cometeram o crime falavam português, o que gerou dúvidas por partes do delegado, quanto ao fato deles relatarem que tentaram dialogar com Jurandir de Oliveira Ramos, antes de partir para as bordunadas. Parou uma dúvida

também quanto à fidelidade da tradução do fato relatado, principalmente em relação ao número de mortos alegados, que somavam quatro.

Essa versão está descartada pela Polícia Federal, tendo em vista que não havia pistas da presença de mais pessoas na fazenda, e também por não conseguirem encontrar nenhum sinal de outro corpo nas proximidades de onde foi encontrada o de Jurandir. Essa versão, segundo o delegado, pode ter sido feita para esconder o fato da luta travada ter sido desigual, ou seja, um contra quatro.

Os índios da aldeia Panará estão com medo de sofrerem uma represália, segundo o delegado, e para evitar qualquer problema pediram a presença do presidente da Funai, Cantídio Guerreiro Guimarães, para ver o estado de precariedade em que vivem. O clima ainda é de insegurança, embora a festa tradicional que estão realizando continue. Mesmo assim estão de prontidão para qualquer eventualidade e já pintados de vermelho e preto, que caracteriza um estado de alerta.